

## A Gaia Ciência e o exercício para a morte

**Carolina Araújo**

A revista *Ítaca*, como seu nome, é um marco de futuro. Não apenas ela foi criada para projetos em gestação, como foi concebida ela mesma como um projeto a ser assumido por sucessivas gerações. A transitoriedade das equipes responsáveis por sua edição resulta no êxito de seu compromisso em apresentar o que de novo se produz no cenário filosófico, além de guardar a memória do que foi o início do pensamento das gerações que gradualmente amadurecem. Fiz parte da equipe que, em 2001, retomou a publicação da revista, que até então só contava com um único número, publicado em 1995, com a edição de Alberto Pucheu, Cláudio Oliveira, Fernando Pessoa, Giselle Amaral e Ingrid Xavier. A retomada, empreendida por Admar Costa, Afonso Costa, Alice Haddad, Eduardo Prado, Francisco Moraes, José Luiz Rinaldi, Márcio Paixão, Marco Antonio Valentim e Pedro Hussak, além de mim, foi a de substituir a publicação dos *Anais dos Seminários dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ*, que se encontravam então em seu sétimo volume, por uma publicação que contasse com a avaliação anônima de um conselho editorial de peso. Por todo o período de minha participação, que se estendeu até 2005, a *Ítaca* foi uma experiência de trabalho coletivo e produção artesanal. Decisões, por vezes muito difíceis, eram tomadas por todo o grupo responsável, formado por novos voluntários a cada ano. A confecção, desde a chamada de artigos, passando pela submissão anônima até a diagramação e a revisão das provas gráficas, foi sempre feita com grande dedicação de esforço, tempo e recursos dos membros da equipe.

Para mim, a *Ítaca* será sempre símbolo de uma concepção ampla do que seja fazer filosofia. Se o exame rigoroso dos argumentos, em sua intransponível condição solitária, constitui o cerne desse exercício, ele, por outro lado, jamais alcançaria seu propósito sem a divulgação dessas conclusões e o diálogo com outros investigadores concernidos com a mesma problemática. A produção

coletiva e artesanal que constitui a revista é portanto tarefa não menor do pensamento. Com essa certeza em mente, quando me foi sugerida uma contribuição a essa comemoração do 25º volume, não pude deixar de associar a oportunidade a um ensaio escrito por ocasião do Colóquio Tradição e Ruptura: Nietzsche e os gregos, ocorrido na UFMG em maio de 2012 e desde então adormecido entre os meus papeis. O que apresento à *Ítaca* é uma reflexão sobre o sentido de vida que me parece muito próprio a essa experiência que acabo de relatar e que, parece-me também, em muito aproxima as concepções de filosofia de Platão e de Nietzsche. Essa aproximação começa com o aforismo 340 da *Gaia Ciência*, que diz o seguinte:

“O Sócrates moribundo - Eu admiro a coragem e a sabedoria de Sócrates em tudo o que ele fez, disse - e não disse. Esse zombeteiro e enamorado monstro e aliciador ateniense, que fazia os mais arrogantes jovens tremerem e soluçarem, foi não apenas o mais sábio tagarela que já houve: ele foi igualmente grande no silêncio. Quisera eu que, no último momento de sua vida, ele também tivesse silenciado – talvez assim ele pertencesse a uma ordem ainda superior de espíritos. Talvez tenha sido a morte, ou o veneno, a piedade ou a maldade – alguma coisa afrouxou-lhe a língua naquele instante e ele disse: ‘Oh Críton, eu devo um galo a Asclépio’. Essas ridículas e terríveis ‘últimas palavras’ significam àqueles que têm ouvidos: ‘Oh Críton, a vida é uma doença!’ Será possível?! Um homem como ele, que até então e diante de todos os olhos viveu como um soldado – era um pessimista! Ele tinha até então um bom semblante para com a vida e até o seu último juízo camuflou o seu sentimento mais íntimo. Sócrates, Sócrates *sofreu de vida!* E ele ainda se vingou – com cada palavra encoberta, horrível, pia e blasfema! Tinha Sócrates ainda que se vangloriar? Seria uma magnanimidade pouco demais em sua pletora de virtude? – Ah, amigos! Nós precisamos superar também os gregos.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Der sterbende Sokrates. - Ich bewundere die Tapferkeit und Weisheit des Sokrates in allem, was er tat, sagte - und nicht sagte. Dieser spöttische und verliebte Unhold und Rattenfänger Athens, der die übermütigsten Jünglinge zittern und schluchzen machte, war nicht nur der weiseste Schwätzer, den es gegeben hat: er war ebenso groß im Schweigen. Ich wollte, er wäre auch im letzten Augenblicke des Lebens schweigsam gewesen - vielleicht gehörte er dann in eine noch höhere Ordnung der Geister. War es nun der Tod oder das Gift oder die Frömmigkeit oder die Bosheit – irgend etwas löste

Ao ler essa declaração de Nietzsche, mesmo em considerando a adversativa referente às palavras finais do personagem platônico no *Fédon*, o leitor do *Nascimento da Tragédia* não pode evitar certa perplexidade. Como pode passar o pai do racionalismo antitrágico a modelo de coragem e sabedoria? Certamente Nietzsche atribui funções distintas à figura socrática – e quero crer também ao texto platônico – que lhe servem de quer de inspiração, quer de bode expiatório, quer de instrumento argumentativo de acordo com uma estratégia de composição de suas obras. O que gostaria de sugerir no que se segue é uma estreita conexão entre a composição da *Gaia Ciência* e uma certa leitura do *Fédon* platônico visível a partir dessa passagem. Assim, meu propósito é menos traçar uma hipótese geral sobre a relação entre Nietzsche e o platonismo, mas antes o de apresentar o que me parece ser uma interessante leitura do *Fédon*, a leitura nietzscheana.

Seguindo a sua declaração de admiração por Sócrates, Nietzsche expressa seu desejo de que, à morte, ele permanecesse calado. Em sua leitura, o galo a Asclépio é um testemunho de que Sócrates teria entendido a vida como uma doença. Sócrates aparece então, no seu equívoco de último segundo, como um mestre da finalidade da existência, um filósofo que nasce da doença, à procura de uma ética que entende a felicidade como uma finalidade.<sup>2</sup> Sócrates

---

ihm in jenem Augenblicke die Zunge und er sagte: »O Kriton, ich bin dem Asklepios einen Hahn schuldig.« Dieses lächerliche und furchtbare »letzte Wort« heißt für den, der Ohren hat: »O Kriton, das Leben ist eine Krankheit!« Ist es möglich! Ein Mann wie er, der heiter und vor aller Augen wie ein Soldat gelebt hat - war Pessimist! Er hatte eben nur eine gute Miene zum Leben gemacht und zeitlebens sein letztes Urteil, sein innerstes Gefühl versteckt! Sokrates, Sokrates hat *am Leben gelitten!* Und er hat noch seine Rache dafür genommen - mit jenem verhüllten, schauerlichen, frommen und blasphemischen Worte! Mußte ein Sokrates sich auch noch rächen? War ein Gran Großmut zu wenig in seiner überreichen Tugend? - Ach Freunde! Wir müssen auch die Griechen überwinden! (NIETZSCHE, F. Die Fröhliche Wissenschaft [FW] In: \_\_\_\_\_. Werke: Kritische Gesamtausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mario Montinari. Berlin: De Gruyter, 1973. Abt. 5, Band 2, 340).

<sup>2</sup> Jede Philosophie, welche den Frieden höher stellt als den Krieg, jede Ethik mit einer negativen Fassung des Begriffs Glück, jede Metaphysik und Physik, welche ein Finale kennt, einen Endzustand irgend welcher Art, jedes vorwiegend aesthetische oder religiöse Verlangen nach einem Abseits, Jenseits, Ausserhalb, Oberhalb erlaubt zu fragen, ob nicht die Krankheit das gewesen ist, was den Philosophen inspirirt hat. (FW, Vorrede, 2)

surge literalmente – e contrariamente ao seu desenho no *Nascimento da Tragédia*<sup>3</sup> - como um pessimista. Literalmente alguém que sofreu com a vida, cujo remédio, reivindica Nietzsche, é o conhecimento da miséria (Not), uma fortificação resultante da experiência da dor.<sup>4</sup> Seria então Sócrates, aos olhos de Nietzsche, um ser frágil demais, mesmo enfrentando imperturbável a condenação à morte? Seria ele assim tão simplesmente inserido no rol de pessimistas que inclui Schopenhauer e Wagner? Parece-me que talvez essa não seja a leitura nietzscheana mais evidente do sofrimento socrático. Afinal, o próprio Nietzsche descreve a si mesmo como um pessimista clássico que, embora de tipo dionisíaco<sup>5</sup>, guardaria em comum com o pessimismo dito socrático uma determinada concepção do sofrimento.

Com efeito, será uma noção de sofrimento, mais especificamente um determinado tipo de paixão (*Leidenschaft*, que pode muito bem apontar para o *am Leben gelitten* atribuído a Sócrates no aforismo 340), que marcará o caráter nobre e modelar nietzscheano.<sup>6</sup> Descrita como uma coragem (*Tapferkeit*) sem desejo de honras, a paixão do nobre, no entender de Nietzsche, opõe-se ao sacrifício, ou ainda, apresenta-se como sacrifício a um deus desconhecido, incluindo marcas de um egoísmo, de uma satisfação

---

<sup>3</sup> Angesichts dieses praktischen Pessimismus ist Sokrates das Urbild des theoretischen Optimisten, der in dem bezeichneten Glauben an die Ergründlichkeit der Natur der Dinge dem Wissen und der Erkenntniss die Kraft einer Universalmedizin beilegt und im Irrthum das Uebel an sich begreift. (NIETZSCHE, F. Die Geburt der Tragödie [GT] In: \_\_\_\_\_. Werke: Kritische Gesamtausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mario Montinari. Berlin: De Gruyter, 1972. Abt. 3, Band 1, 14).

<sup>4</sup> Es gäbe schon ein Rezept gegen pessimistische Philosophien und die übergroße Empfindlichkeit, welche mir die eigentliche»Not der Gegenwart« zu sein scheint -: aber vielleicht klingt dies Rezept schon zu grausam und würde selber unter die Anzeichen gerechnet werden, auf Grund deren hin man jetzt urteilt: »das Dasein ist etwas Böses«. Nun! Das Rezept gegen »die Not« lautet: Not. (FW, 48)

<sup>5</sup> Letzteres ist der *romantische Pessimismus* in seiner ausdrucksvollsten Form, sei es als Schopenhauersche Willens-Philosophie, sei es als Wagnersche Musik - der romantische Pessimismus, das letzte *große* Ereignis im Schicksal unsrer Kultur. (Daß es noch einen ganz anderen Pessimismus geben *könne*, einen klassischen - diese Ahnung und Vision gehört zu mir, als unablässlich von mir, als mein *proprium* und *ipsissimum*: nur daß meinen Ohren das Wort »klassisch« widersteht, es ist bei weitem zu abgebraucht, zu rund und unkenntlich geworden. Ich nenne jenen Pessimismus der Zukunft - denn er kommt! Ich sehe ihn kommen! - den *dionysischen* Pessimismus.) (FW, 370).

<sup>6</sup> Die Unvernunft oder Quervernunft der Leidenschaft ist es, die der Gemeine am Edlen verachtet, zumal wenn diese sich auf Objecte richtet, deren Werth ihm ganz phantastisch und willkürlich zu sein scheint. (FW,3).

consigo próprio que transborda e se comunica com pessoas e coisas.<sup>7</sup> Um caráter nobre é, pelos demais, caluniado e injustamente julgado, apesar de ser o responsável pela conservação da espécie: seria possível encontrar nessa coragem a razão da admiração de Sócrates por Nietzsche e então justificar a sua paixão e seu pessimismo como um traço de nobreza?

Alguma pista pode ser encontrada na propositada deturpação nietzscheana às últimas palavras de Sócrates. No nosso aforismo 340, Nietzsche se descuida do plural do verbo – “nós devemos” – e deixa de notar as noções de retribuição e cuidado envolvidas no pedido a Críton.<sup>8</sup> Retribuir o galo, notadas essas circunstâncias, é um ato coletivo de agradecimento e não um lamento individual; portanto isso indica uma compreensão da vida como saúde e um sinal de cuidado com o dom concedido.<sup>9</sup> De resto, parece ser essa a justificativa de Xenofonte ao desejo socrático de morte, a de que a velhice viria a trazer-lhe a doença e a impedir-lhe de executar seu modo de vida.<sup>10</sup> Voltado a quem permanece vivo, o pedido é uma exortação ao cuidado e ao exercício.

Não parece ser outro o tema do *Fédon*. A noção de filosofia como um hábito (ὡς ἐν φιλοσοφίᾳ ἡμῶν ὄντων ὡσπερ εἰώθημεν – 59a3), uma ocupação *diária* (ἐπιτηδεύουσιν ἢ ἀποθνήσκειν τε καὶ

---

<sup>7</sup> Sondern dass die Leidenschaft, die den Edeln befällt, eine Sonderheit ist, ohne dass er um diese Sonderheit weiss: der Gebrauch eines seltenen und singulären Maassstabes und beinahe eine Verrücktheit: das Gefühl der Hitze in Dingen, welche sich für alle Anderen kalt anfühlen: ein Errathen von Werthen, für die die Wage noch nicht erfunden ist: ein Opferbringen auf Altären, die einem unbekanntem Gotte geweiht sind: eine Tapferkeit ohne den Willen zur Ehre: eine Selbstgenügsamkeit, welche Ueberfluss hat und an Menschen und Dinge mittheilt. (FW, 55)

<sup>8</sup> Ὡ Κρίτων, ἔφη, τῷ Ἀσκληπιῷ ὀφειλομεν ἀλεκτρούνα· ἀλλὰ ἀπόδοτε καὶ μὴ ἀμελήσητε. (PLATÃO. *Fédon*, 118a7-8).

<sup>9</sup> Um ponto notado por Wilamowitz e defendido por Hackforth (HACKFORTH, R. *Plato's Phaedo*. Cambridge: Cambridge University Press, 1955).

<sup>10</sup> ὀρθῶς δὲ οἱ θεοὶ τότε μου ἦναντιοῦντο, φάναι αὐτόν, τῇ τοῦ λόγου ἐπισκέψει ὅτε ἐδόκει ἡμῖν ζητητέα εἶναι ἐκ παντὸς τρόπου τὰ ἀποφευκτικά. εἰ γὰρ τοῦτο διεπραξάμην, δῆλον ὅτι ἡτομασάμην ἂν ἀντι τοῦ ἤδη λήξει τοῦ βίου ἢ νόσους ἀγλυνόμενος τελευτήσαι ἢ γῆρα, εἰς ὃ πάντα τὰ χαλεπὰ συρρεῖ καὶ μάλα ἔρημα τῶν εὐφροσυνῶν. μὰ Δί', εἰπεῖν αὐτόν, ὦ Ἑρμόγενης, ἐγὼ ταῦτα οὐδὲ προθυμήσομαι, ἀλλ' ὅσων νομίζω τετυχηκέαι καλῶν καὶ παρὰ θεῶν καὶ παρ' ἀνθρώπων, καὶ ἦν ἐγὼ δόξαν ἔχω περὶ ἑμαυτοῦ, ταύτην ἀναφαίνων εἰ βαρυνῶ τοὺς δικαστάς, αἰρήσομαι τελευτᾶν μᾶλλον ἢ ἀνελευθέρως τὸ ζῆν ἔτι προσαιτῶν κερδᾶναι τὸν πολὺ χεῖρω βίον ἀντὶ θανάτου. (XENOFONTE, *Apologia de Sócrates*, 8.1-10.1)

τεθνάναι.- 64e4-7), um exercício e cuidado com a morte<sup>11</sup> é o moto explicativo para a tranqüilidade de Sócrates à cena, uma tranqüilidade descrita por Fédon como uma felicidade nobre e intemente.<sup>12</sup> A morte aparece portanto no *Fédon*, menos como um momento único no tempo, mas muito mais como uma ocupação de temporalidade dilatada ao longo da vida: a morte é um propósito de certos homens ao longo do tempo, um modo de viver. É precisamente essa concepção que perpassa a *Gaia Ciência*. É ela que parece justificar a reiterada preocupação com as últimas palavras, entendidas não como a universalização dos homens em um horizonte de futuro comum, sempre ele limitado ao silêncio, mas como uma expressão singular e individual acerca daquela vida<sup>13</sup>, e não como descrição dessa vida, mas como o seu próprio valor e propósito.<sup>14</sup> É assim que, segundo Nietzsche, é possível classificar os céasares segundo suas últimas palavras: Augusto e Nero como os atores que deixam a máscara cair, mesmo quando não havia máscara, ou seja, supunham-se atores quando a vida era ela mesma uma encenação e, por outro lado, Tibério, que, tal como Sócrates, foi honesto e espectador: a vida é morte prolongada.<sup>15</sup>

<sup>11</sup> Τῷ ὄντι ἄρα, ἔφη, ὃ Σιμμία, οἱ ὀρθῶς φιλοσοφοῦντες ἀποθνήσκειν μελετῶσι, καὶ τὸ τεθνάναι ἥκιστα αὐτοῖς ἀνθρώπων φοβερὸν. (PLATÃO. *Fédon*, 67d7-e6) τὸ δὲ οὐδὲν ἄλλο ἐστὶν ἢ ὀρθῶς φιλοσοφοῦσα καὶ τῷ ὄντι τεθνάναι μελετῶσα ῥαδίως· ἢ οὐ τοῦτ' ἂν εἶη μελέτη θανάτου; (PLATÃO. *Fédon*, 80e6-81a2)

<sup>12</sup> εὐδαίμων γάρ μοι ἀνὴρ ἐφαίνετο, ὃ Ἐχέκρατες, καὶ τοῦ τρόπου καὶ τῶν λόγων, ὡς ἀδεῶς καὶ γενναίως ἐτελεύτα (PLATÃO. *Fédon*, 58e3-4).

<sup>13</sup> Jeder will der erste in dieser Zukunft sein - und doch ist Tod und Totenstille das einzig Sichere und das allen Gemeinsame dieser Zukunft! Wie seltsam, daß diese einzige Sicherheit und Gemeinsamkeit fast gar nichts über die Menschen vermag und daß sie am weitesten davon entfernt sind, sich als die Brüderschaft des Todes zu fühlen! Es macht mich glücklich zu sehen, daß die Menschen den Gedanken an den Tod durchaus nicht denken wollen! Ich möchte gern etwas dazu tun, ihnen den Gedanken an das Leben noch hundertmal denkwürdiger zu machen. (FW, 278)

<sup>14</sup> Leben — das heisst: fortwährend Etwas von sich abstossen, das sterben will; Leben — das heisst: grausam und unerbittlich gegen Alles sein, was schwach und alt an uns, und nicht nur an uns, wird. (FW, 26)

<sup>15</sup> Letzte Worte. — Man wird sich erinnern, dass der Kaiser Augustus, jener fürchterliche Mensch, der sich ebenso in der Gewalt hatte und der ebenso schweigen konnte wie irgend ein weiser Sokrates, mit seinem letzten Worte indiscret gegen sich selber wurde: er liess zum ersten Male seine Maske fallen, als er zu verstehen gab, dass er eine Maske getragen und eine Komödie gespielt habe, — er hatte den Vater des Vaterlandes und die Weisheit auf dem Throne gespielt, gut bis zur Illusion! Plaudite amici, comoedia finita est! — Der Gedanke des sterbenden Nero: qualis artifex pereo! war auch der Gedanke des sterbenden Augustus: Histrionen-Eitelkeit! Histrionen-

Certamente a noção de morte é ambígua na apresentação socrático-platônica da questão: a separação entre corpo e alma identifica o Hades, mundo dos corporeamente mortos, com a dimensão extra-sensível, sendo sem dúvidas o texto do *Fédon* um dos *loci* problemáticos acerca do significado do “corpo”.<sup>16</sup> À medida que se configura como uma oposição ao sensualismo, tanto do ponto de vista epistêmico, quanto do ponto de vista moral, ou ainda, à medida que deixa sugerir que a vida é a dimensão corpórea da existência, o *Fédon* dá margem à sugestão de que a causa responsável pelo gênero de vida filosófico é exterior a esse mesmo gênero e justifica a acusação nietzscheana de que o platonismo é um tipo de “cera nos ouvidos”.<sup>17</sup> Mas consideremos, por um momento, a nobre paixão e coragem socráticas diante da morte como uma justificativa em vida para o modo de viver e somemos a elas a consideração de que a retribuição a Asclépio possa ser um agradecimento por saúde, e não por doença. Nesse caso, por que não poderiam Platão e seu Sócrates

---

Schwartzhaftigkeit! Und recht das Gegenstück zum sterbenden Sokrates! — Aber Tiberius starb schweigsam, dieser gequälteste aller Selbstquäler, — der war ächt und kein Schauspieler! Was mag dem wohl zuletzt durch den Kopf gegangen sein! Vielleicht diess: „Das Leben — das ist ein langer Tod. Ich Narr, der ich so Vielen das Leben verkürzte! War ich dazu gemacht, ein Wohltäter zu sein? Ich hätte ihnen das ewige Leben geben sollen: so hätte ich sie ewig sterben sehen können. Dafür hatte ich ja so gute Augen: qualis spectator pereoi!“ Als er nach einem langen Todeskampfe doch wieder zu Kräften zu kommen schien, hielt man es für rathsam, ihn mit Bettkissen zu ersticken, — er starb eines doppelten Todes. (FW, 1, 36)

<sup>16</sup> Philosophie bisher überhaupt nur eine Auslegung des Leibes und ein Missverständniß des Leibes gewesen ist. (FW, Vorrede, 2).

<sup>17</sup> Warum wir keine Idealisten sind. - Ehemals hatten die Philosophen Furcht vor den Sinnen: haben wir - diese Furcht vielleicht allzusehr verlernt? Wir sind heute allesamt Sensualisten, wir Gegenwärtigen und Zukünftigen in der Philosophie, nicht der Theorie nach, aber der Praxis, der Praktik... Jene hingegen meinten, durch die Sinne aus ihrer Welt, dem kalten Reiche der »Ideen«, auf ein gefährliches südlicheres Eiland weggelockt zu werden: woselbst, wie sie fürchteten, ihre Philosophen-Tugenden wie Schnee in der Sonne wegschmelzen würden. »Wachs in den Ohren« war damals beinahe Bedingung des Philosophierens; ein echter Philosoph hörte das Leben nicht mehr, insofern Leben Musik ist, er leugnete die Musik des Lebens - es ist ein alter Philosophen- Aberglaube, daß alle Musik Sirenen-Musik ist. (...). In summa: aller philosophische Idealismus war bisher etwas wie Krankheit, wo er nicht, wie im Falle Platos, die Vorsicht einer überreichen und gefährlichen Gesundheit, die Furcht vor übermächtigen Sinnen, die Klugheit eines klugen Sokratikers war. - Vielleicht sind wir Modernen nur nicht gesund genug, um Platos Idealismus nötig zu haben? Und wir fürchten die Sinne nicht, weil - - (FW, 372).

ser idealistas prudentes em defesa de uma grande saúde, “uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar”<sup>18</sup> Seria, para a inversão do platonismo, necessário reler Platão?

A saúde é uma virtude, dirá a *Gaia Ciência*, à medida que é a virtude de um corpo em particular e não um universal.<sup>19</sup> Princípio de individualização, o corpo se entende como um enigma para a prática individual, de modo que o ideal modelar do nobre se revela como uma descoberta de cada indivíduo como um exemplo para si próprio<sup>20</sup>, nos mesmos moldes das palavras finais dos cézares que exprimem o ideal de vida. Por seu turno, Platão é muito claro sobre a conjugação entre felicidade e exercício ou prática diária: os modelos, os mais felizes e melhores, surgem como resultado da prática, como marca do exercício da virtude como um hábito de filosofar.<sup>21</sup> Exercício gera modelo que gera exercício alheio<sup>22</sup>: a virtude platônica está a ser adquirida pelo modo de vida que espelha a prática socrática. Mas o que é essa prática no *Fédon*? Eu gostaria de chamar atenção a uma passagem, em que Sócrates justifica a sua nova ocupação de musicar as fábulas de Esopo e o proêmio a Apolo:

---

<sup>18</sup> ... der hat dazu zuallererst eins nötig, die große Gesundheit - eine solche, welche man nicht nur hat, sondern auch beständig noch erwirbt und erwerben muß, weil man sie immer wieder preisgibt, preisgeben muß!... (FW, 382)

<sup>19</sup> *Gesundheit der Seele*. - Die beliebte medizinische Moralformel (deren Urheber Ariston von Chios ist): »Tugend ist die Gesundheit der Seele« - müßte wenigstens, um brauchbar zu sein, dahin abgeändert werden: »deine Tugend ist die Gesundheit deiner Seele«. Denn eine Gesundheit an sich gibt es nicht, und alle Versuche, ein Ding derart zu definieren, sind kläglich mißraten. Es kommt auf dein Ziel, deinen Horizont, deine Kräfte, deine Antriebe, deine Irrtümer und namentlich auf die Ideale und Phantasmen deiner Seele an, um zu bestimmen was selbst für deinen *Leib*, Gesundheit zu bedeuten habe. (GT, 120).

<sup>20</sup> *Nachahmer*. - A: »Wie? Du willst keine Nachahmer?« B: »Ich will nicht, daß man mir etwas nachmache; ich will, daß jeder sich etwas vormache: dasselbe, was *ich* tue.« A: »Also -?« (GT, 255).

<sup>21</sup> Οὐκοῦν εὐδαιμονέστατοι, ἔφη, καὶ τούτων εἰσὶ καὶ εἰς βέλτιστον τόπον ἰόντες οἱ τὴν δημοτικὴν καὶ πολιτικὴν ἀρετὴν ἐπιτετηθευκότες, ἦν δὴ καλοῦσι σωφροσύνην τε καὶ δικαιοσύνην, ἐξ ἔθους τε καὶ μελέτης γεγυῖαν ἄνευ φιλοσοφίας τε καὶ νοῦ; (PLATÃO. *Fédon*, 82a10-b3).

<sup>22</sup> Οὐκοῦν, ἦ δ' ὅς, διῆλα δὴ καὶ τᾶλλα ἢ ἂν ἕκαστα ἴοι κατὰ τὰς αὐτῶν ὁμοιότητος τῆς μελέτης; (PLATÃO. *Fédon*, 82a7-8).



Mas [faço isso] na tentativa de descobrir o que querem dizer certos sonhos, e de agir piamente, fosse o caso de que essa fosse a música que reiteradamente me ordenam a produzir. Pois foi o seguinte: muitas vezes o mesmo sonho me aconteceu ao longo da vida. Mesmo que a cada vez com aparências distintas, ele dizia sempre o mesmo: “Sócrates”, dizia, “componha e produza música”. Eu considerei que ele me incitava e impelia a fazer aquilo mesmo que no passado fiz, tal como se motiva os corredores, de modo que agi como o sonho me indicou, fazendo música, uma vez que a filosofia é a maior música, coisa que ainda faço. Mas agora que, depois do julgamento, a festa do deus retarda a minha morte, pareceu-me ser preciso, na hipótese de que fosse uma música popular que reiteradamente o sonho me ordenava a compor, não desobedecer e fazê-la. Pois é mais seguro que eu não me vá antes de agir piamente, compondo poemas e obedecendo ao sonho (60e1-61b1).<sup>23</sup>

A dedicação à música em seus últimos dias não é distinta da constante ocupação socrática, coisa que ele ainda faz (ἐμοῦ δὲ τοῦτο πρᾶττοντος – 61a4). O mesmo sonho lhe persegue por toda a vida como uma voz que constantemente lhe incita. Diferentemente do sinal divino que, na *Apologia* platônica, impede as ações<sup>24</sup>, a voz do sonho

---

<sup>23</sup> ἀλλ' ἐνυπνίων τινῶν ἀποπειρώμενος τί λέγοι, καὶ ἀφοσιούμενος εἰ ἄρα πολλάκις ταύτην τὴν μουσικὴν μοι ἐπιτάττοι ποιεῖν. ἦν γὰρ δὴ ἄττα τοιάδε· πολλάκις μοι φοιτῶν τὸ αὐτὸ ἐνύπνιον ἐν τῷ παρελθόντι βίῳ, ἄλλοτ' ἐν ἄλλῃ ὄνει φαινόμενον, τὰ αὐτὰ δὲ λέγον, “Ὡ Σώκратες,” ἔφη, “μουσικὴν ποιεῖ καὶ ἐργάζου.” καὶ ἐγὼ ἐν γε τῷ πρόσθεν χρόνῳ ὅπερ ἔπραττον τοῦτο ὑπελάμβανον αὐτό μοι παρακελεύεσθαι τε καὶ ἐπικελεύειν, ὥσπερ οἱ τοῖς θεοῖσι διακελευόμενοι, καὶ ἐμοὶ οὕτω τὸ ἐνύπνιον ὅπερ ἔπραττον τοῦτο ἐπικελεύειν, μουσικὴν ποιεῖν, ὡς φιλοσοφίας μὲν οὐσης μεγίστης μουσικῆς, ἐμοῦ δὲ τοῦτο πρᾶττοντος. νῦν δ' ἐπειδὴ ἦ τε δίκη ἐγένετο καὶ ἡ τοῦ θεοῦ ἐορτὴ διεκόλω μέ ἀποθνήσκειν, ἔδοξε χρῆναι, εἰ ἄρα πολλάκις μοι προστάττοι τὸ ἐνύπνιον ταύτην τὴν δημόδη μουσικὴν ποιεῖν, μὴ ἀπειθῆσαι αὐτῷ ἀλλὰ ποιεῖν ἀσφαλέστερον γὰρ εἶναι μὴ ἀπιέναι πρὶν ἀφοσιώσασθαι ποιήσαντα ποιήματα [καὶ] πιθόμενον τῷ ἐνυπνίῳ. (PLATÃO. *Fédon*, 60e1-61b1)

<sup>24</sup> τούτου δὲ αἰτιόν ἐστιν ὃ ὑμεῖς ἐμοῦ πολλάκις ἀκηκόατε πολλαχοῦ λέγοντος, ὅτι μοι θεῖόν τι καὶ δαιμόνιον γίγνεται [φωνή], ὃ δὴ καὶ ἐν τῇ γραφῇ ἐπικωμωδῶν Μέλητος ἐγράψατο. ἐμοὶ δὲ τοῦτ' ἐστιν ἐκ παιδὸς ἀρζάμενον, φωνὴ τις γιγνομένη, ἣ ὅταν γένηται, αἰεὶ ἀποτρέπει με τοῦτο ὃ ἂν μέλλω πράττειν, προτρέπει δὲ οὐποτε. (PLATÃO. *Apologia de Sócrates*, 31c7-d4)

as incita e Sócrates a responde com dois tipos de ação: a tentativa de decifrar o que ela significa e o ato de piedade.

Tradicionalmente enigmático, o sonho requer interpretação a qualquer grego e, no caso típico do modo de vida socrático, essa interpretação é feita como uma tentativa. Ao colocar em questão a sua própria prática cotidiana – ou o modo como ao longo de toda a vida interpretou a sua própria atividade filosófica como a música incitada pelo sonho – Sócrates põe de novo em xeque suas convicções. Sempre destruindo o seu próprio modelo, o Sócrates moribundo não se apresenta como um defensor de suas crenças, mas como modelo de coragem de investigação.<sup>25</sup> A morte se apresenta então, não apenas como a situação que Sócrates está prestes a enfrentar, mas como o desafio que ele mesmo se coloca sobre rever a sua prática de toda a vida.<sup>26</sup> Nietzsche está precisamente reconhecendo nesta atitude a coragem socrática e, quero crer, também nesta atitude ele reconhece a sua sabedoria, uma vez que é de Nietzsche a descrição do grande

---

<sup>25</sup> *Der Glaube macht selig.* - Die Tugend gibt nur denen Glück und eine Art Seligkeit, welche den guten Glauben an ihre Tugend haben - nicht aber jenen feineren Seelen, deren Tugend im tiefen Mißtrauen gegen sich und alle Tugend besteht. Zuletzt macht also auch hier »der Glaube selig!« - und wohlgemerkt, *nicht* die Tugend! (FW, 214).

<sup>26</sup> *Vorbereitende Menschen.* - Ich begrüße alle Anzeichen dafür, daß ein männlicheres, ein kriegerisches Zeitalter anhebt, das vor allem die Tapferkeit wieder zu Ehren bringen wird! Denn es soll einem noch höheren Zeitalter den Weg bahnen und die Kraft einsammeln, welche jenes einmal nötig haben wird – jenes Zeitalter, das den Heroismus in die Erkenntnis trägt und *Kriege führt* um der Gedanken und ihrer Folgen willen. Dazu bedarf es für jetzt vieler vorbereitender tapferer Menschen, welche doch nicht aus dem Nichts entspringen können - und ebensowenig aus dem Sand und Schleim der jetzigen Zivilisation und Großstadt-Bildung: Menschen, welche es verstehen, schweigend, einsam, entschlossen, in unsichtbarer Tätigkeit zufrieden und beständig zu sein: Menschen, die mit innerlichem Hange an allen Dingen nach dem suchen, was an ihnen *zu überwinden* ist: Menschen, denen Heiterkeit, Geduld, Schlichtheit und Verachtung der großen Eitelkeiten ebenso zu eigen ist, als Großmut im Siege und Nachsicht gegen die kleinen Eitelkeiten aller Besiegten: Menschen mit einem scharfen und freien Urteil über alle Sieger und über den Anteil des Zufalls an jedem Siege und Ruhme: Menschen mit eigenen Festen, eigenen Werktagen, eigenen Trauerzeiten, gewohnt und sicher im Befehlen und gleich bereit, wo es gilt, zu gehorchen, im einen wie im andern gleich stolz, gleich ihrer eigenen Sache dienend: gefährdetere Menschen, fruchtbarere Menschen, glücklichere Menschen! Denn, glaubt es mir! - das Geheimnis, um die größte Fruchtbarkeit und den größten Genuß vom Dasein einzuernten, heißt: *gefährlich leben!* (FW, 283).

pensador como aquele que tenta e pergunta<sup>27</sup>, que substitui o ceticismo pela tentativa<sup>28</sup> e que evita a injustiça de não interrogar.<sup>29</sup> À medida que retorna ao enigma e à incerteza, Sócrates se alinha ao que de melhor Nietzsche encontra nos gregos: serem corajosos por superficialidade e dedicarem-se à maior das músicas.<sup>30</sup>

Porém, de novo não é fácil ao leitor do *Nascimento da Tragédia* aceitar que musicar Esopo e fazer hinos a Apolo possam ser marcas de um grande pensador à la Nietzsche.<sup>31</sup> Mas aqui talvez fosse importante voltar a pergunta para o próprio Nietzsche: por que entender o “Sócrates, componha música!” como a resistência socrática em abandonar a sua filosofia por uma música popular, como algo que Sócrates faz apenas por obediência ou medo e involuntariamente?<sup>32</sup>

---

<sup>27</sup> Der Denker sieht in seinen eigenen Handlungen Versuche und Fragen, irgend worüber Aufschluss zu erhalten: Erfolg und Misserfolg sind ihm zu allererst Antworten. (FW, 41)

<sup>28</sup> Wahrheitsinn. — Ich lobe mir eine jede Skepsis, auf welche mir erlaubt ist zu antworten: „Versuchen wir’s!“ (FW, 51)

<sup>29</sup> Aber inmitten dieser rerum concordia discors und der ganzen wundervollen Ungewissheit und Vieldeutigkeit des Daseins stehen und nicht fragen, nicht zittern vor Begierde und Lust des Fragens, nicht einmal den Fragenden hassen, vielleicht gar noch an ihm sich matt ergötzen — das ist es, was ich als verächtlich empfinde, und diese Empfindung ist es, nach der ich zuerst bei Jedermann suche: — irgend eine Narrheit überredet mich immer wieder, jeder Mensch habe diese Empfindung, als Mensch. Es ist meine Art von Ungerechtigkeit. (FW,2)

<sup>30</sup> Man sollte die *Scham* besser in Ehren halten, mit der sich die Natur hinter Rätsel und bunte Ungewißenheiten versteckt hat. Vielleicht ist die Wahrheit ein Weib, das Gründe hat, ihre Gründe nicht sehen zu lassen? Vielleicht ist ihr Name, griechisch zu reden, Baubo?... Oh diese Griechen! sie verstanden sich darauf, zu *leben*: dazu tut not, tapfer bei der Oberfläche, der Falte, der Haut stehenzubleiben, den Schein anzubeten, an Formen, an Töne, an Worte, an den ganzen Olymp des Scheins zu glauben! Diese Griechen waren oberflächlich - *aus Tiefe!* Und kommen wir nicht eben darauf zurück, wir Wagehalse des Geistes, die wir die höchste und gefährlichste Spitze des gegenwärtigen Gedankens erklettert und uns von da aus umgesehn haben, die wir von da aus *hinabgesehn* haben? Sind wir nicht eben darin - Griechen? Anbeter der Formen, der Töne, der Worte? Eben darum - Künstler? (GT, Vorrede, 4).

<sup>31</sup> Wir wissen, welche einzige Gattung der Dichtkunst von ihm begriffen wurde, die aespische Fabel: und dies geschah gewiss mit jener lächelnden Anbequemung, mit welcher der ehrliche gute Gellert in der Fabel von der Biene und der Henne das Lob der Poesie singt: „Du siehst an mir, wozu sie nützt, Dem, der nicht viel Verstand besitzt, Die Wahrheit durch ein Bild zu sagen“. (GT, 14)

<sup>32</sup> Jener despotische Logiker hatte nämlich hier und da der Kunst gegenüber das Gefühl einer Lücke, einer Leere, eines halben Vorwurfs, einer vielleicht versäumten Pflicht. Oefters kam ihm, wie er im Gefängnis seinen Freunden erzählt, ein und dieselbe Traumerscheinung, die immer dasselbe sagte: „Sokrates, treibe Musik!“ Er beruhigt sich bis zu seinen letzten Tagen mit der Meinung, sein Philosophieren sei die höchste

De novo a coragem socrática desafia a compreensão da fábula esópica como moralização dos ignorantes. Dedicar-se à investigação de seus próprios erros e ser capaz de tentar reformular a sua concepção de maior das músicas até o instante final é um exercício de morte, e mais, um exercício de morte como Nietzsche o admira, na figura da sabedoria que se conquista quando se está a ponto de se perder o que já se tem.<sup>33</sup>

É assim que chegamos à função da ação pia na iniciativa socrática antes da morte. A obediência desempenhada por Sócrates delimita a sua investigação por oposição ao suicídio, ação não permitida por ser uma violência contra si próprio (τὸ μὴ θεμιτὸν εἶναι ἑαυτὸν βιάζεσθαι – 61d4). Assim, a morte socrática não é um ato contra si próprio, mas ação de um agente externo.<sup>34</sup> Se a noção de providência já está aqui sugerida, ela não é senão um caso de uma possibilidade muito mais ampla, a dos deuses senhores, que tudo decidem acerca de seus escravos. Isso faz com que estar vivo seja mais do que uma fatalidade, seja a condição mesma da coragem e da sabedoria como resposta às determinações desse deus violento.

---

Musenkunst, und glaubt nicht recht, dass eine Gottheit ihn an jene „gemeine, populäre Musik“ erinnern werde. Endlich im Gefängnis versteht er sich, um sein Gewissen gänzlich zu entlasten, auch dazu, jene von ihm gering geachtete Musik zu treiben. Und in dieser Gesinnung dichtet er ein Proömium auf Apollo und bringt einige aesopische Fabeln in Verse. Das war etwas der dämonischen warnenden Stimme Aehnliches, was ihn zu diesen Uebungen drängte, es war seine apollinische Einsicht, dass er wie ein Barbarenkönig ein edles Götterbild nicht verstehe und in der Gefahr sei, sich an einer Gottheit zu versündigen — durch sein Nichtsverstehn. (GT, 14)

<sup>33</sup> Er hat längst bei sich beschlossen, eigene Wünsche und Pläne nicht so wichtig zu nehmen. »Gelingt mir dies nicht«, so redet er sich zu, »dann gelingt mir vielleicht jenes; und im ganzen weiß ich nicht, ob ich nicht meinem Mißlingen mehr zu Danke verpflichtet bin als irgendwelchem Gelingen. Bin ich dazu gemacht, eigensinnig zu sein und die Hörner des Stieres zu tragen? Das, was mir Wert und Ergebnis des Lebens ausmacht, liegt woanders; mein Stolz und ebenso mein Elend liegt woanders. Ich weiß mehr vom Leben, weil ich so oft daran war, es zu verlieren: und eben darum habe ich mehr vom Leben als ihr alle!« (FW, 303)

<sup>34</sup> Ἀλλὰ προθυμεῖσθαι γρή, ἔφη· τάχα γὰρ ἂν καὶ ἀκούσαις. ἴσως μέντοι θαυμαστὸν σοὶ φανεῖται εἰ τοῦτο μόνον τῶν ἄλλων ἀπάντων ἀπλοῦν ἔστιν, καὶ οὐδέποτε τυγχάνει τῷ ἀνθρώπῳ, ὡσπερ καὶ τᾶλλα, ἔστιν ὅτε καὶ οἷς βέλτιον <δ> τεθνάναι ἢ ζῆν, οἷς δὲ βέλτιον τεθνάναι, θαυμαστὸν ἴσως σοὶ φαίνεται εἰ τούτοις τοῖς ἀνθρώποις μὴ ὅσιον αὐτοὺς ἑαυτοὺς εὖ ποιεῖν, ἀλλὰ ἄλλον δεῖ περιμένειν εὐεργέτην. (PLATÃO. *Fédon*, 62a1-7)

Nietzsche não deixaria de concordar com a vida como um meio<sup>35</sup>, menos ainda como o seu lugar privilegiado para exercício da coragem, menos ainda sua apresentação como enigma a ser decifrado.

Se essa aproximação faz sentido, deixa-se entrever um Nietzsche que buscou a noção de pensamento como vida nos gregos, e dentre eles naquele que reinventou a sua vida até o último instante. Talvez não seja possível dissociar o pessimismo clássico que Nietzsche quer impor a Sócrates daquele de tipo dionisíaco que ele atribui a si mesmo. A morte de Sócrates é narrada, literalmente, como um acontecimento tragicômico (τοτὲ μὲν γελῶντες, ἐνίστε δὲ δακρύοντες - 59a8-9), que permite muito bem ao leitor, como de resto Nietzsche parece ciente ao usar o termo *lächerlich* em nosso aforismo, supor uma gargalhada se seguindo ao pedido de sacrifício do galo. Uma vida que ri dos seus limites, que entende a brincadeira como uma profunda seriedade: a gaia ciência já havia sido praticada.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> In media vita! - Nein! Das Leben hat mich nicht enttäuscht! Von Jahr zu Jahr finde ich es vielmehr wahrer, begehrenswerter und geheimnisvoller - von jenem Tage an, wo der große Befreier über mich kam, jener Gedanke, daß das Leben ein Experiment des Erkennenden sein dürfe - und nicht eine Pflicht, nicht ein Verhängnis, nicht eine Betrügerei! - Und die Erkenntnis selber: mag sie für andere etwas anderes sein, zum Beispiel ein Ruhebett oder der Weg zu einem Ruhebett, oder eine Unterhaltung, oder ein Müßiggang - für mich ist sie eine Welt der Gefahren und Siege, in der auch die heroischen Gefühle ihre Tanz- und Tummelplätze haben. »Das Leben ein Mittel der Erkenntnis« - mit diesem Grundsatz im Herzen kann man nicht nur tapfer, sondern sogar fröhlich leben und fröhlich lachen! Und wer verstünde überhaupt gut zu lachen und zu leben, der sich nicht vorerst auf Krieg und Sieg gut verstünde? (FW, 324)

<sup>36</sup> Ueber sich selber lachen, wie man lachen müsste, um aus der ganzen Wahrheit heraus zu lachen, — dazu hatten bisher die Besten nicht genug Wahrheitsinn und die Begabtesten viel zu wenig Genie! Es giebt vielleicht auch für das Lachen noch eine Zukunft! Dann, wenn der Satz „die Art ist Alles, Einer ist immer Keiner“ — sich der Menschheit einverleibt hat und Jedem jederzeit der Zugang zu dieser letzten Befreiung und Unverantwortlichkeit offen steht. Vielleicht wird sich dann das Lachen mit der Weisheit verbündet haben, vielleicht giebt es dann nur noch „fröhliche Wissenschaft“. (FW, 1,1)

